

## EXPERIMENTOS COMO PRÁTICA DE ATELIÊ: USO DA ARGILA COSMÉTICA COMO ENGOBE NA CERÂMICA

LIVEA LUZEIRO DO CARMO<sup>1</sup>; ANGÉLICA DE SOUSA MARQUES<sup>2</sup>, MATHEUS SILVA MENEZES<sup>3</sup>  
PAULO RENATO VIEGAS DAMÉ<sup>4</sup>

*livealuzeirodocarmo@outlook.com*<sup>1</sup>

*angelica.smarques@gmail.com*<sup>2</sup>

*msmenezes@inf.ufpel.edu.br*<sup>3</sup>

*paulodame@gmail.com*<sup>4</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

O ceramista, conforme descrito por Ingold (2012, p.36), muitas vezes é comparado a um alquimista que não impõe forma aos materiais, mas os reúne e direciona seu fluxo para antecipar o que emergirá. Isso se reflete na retomada das atividades presenciais após a pandemia, quando surgiu a ideia de explorar o uso de argilas cosméticas na cerâmica, originada a partir do questionamento de uma aluna em aulas remotas de Introdução à Cerâmica.

Com a participação no projeto de extensão "Encruzilhadas de Barro: Compartilhando Saberes Cerâmicos" e o acesso ao ateliê de cerâmica, que foi impossibilitado durante o ensino remoto devido ao isolamento, os professores propuseram projetos de extensão e pesquisa para minimizar as perdas dos alunos em relação às práticas em ateliês. Isso permitiu não apenas o uso de materiais e espaço adequados, mas também a realização de experimentações em cerâmica. Os experimentos começaram com o uso de argilas cosméticas para fins estéticos, mas não como parte essencial da massa cerâmica na modelagem das peças. Em vez disso, foram utilizadas como engobe para alterar a cor ou decorar o barro. Essas argilas cosméticas, de acordo com o site eCycle, são mais puras e têm uma granulação mais fina devido ao seu uso na pele, tornando-as ideais para uso como engobe, pois podem ser facilmente hidratadas com água. O experimento não se limitou apenas a testar a reação do barro à aplicação desse "engobe alternativo", mas também investigou como o material reagia após a esmaltação. Isso resultou em peças cerâmicas únicas e reações químicas inesperadas, adicionando uma dimensão criativa e inovadora ao trabalho cerâmico.

### 2. METODOLOGIA

O primeiro passo foi a obtenção de algumas dessas argilas em uma loja de produtos naturais. As argilas adquiridas foram as de cor branca, rosa, verde e preta. Também realizamos experimentos com engobe, utilizando uma argila vermelha disponível no Ateliê de Cerâmica. Para isso, foi necessário passá-la pela peneira, para eliminar suas partículas maiores. A argila base para os todos os testes foi a massa cerâmica preparada no ateliê, que possui o mesmo barro vermelho em sua composição junto com chamote para aumentar a plasticidade da massa final. A princípio foram realizados testes com diferentes peças sem um controle de quais argilas estavam sendo usadas, suas combinações e

quantidades, onde após a obtenção de suas queimas, se obtiveram resultados inesperados.

Em vista disto, visando a otimização do espaço para armazenamento e uma forma de controle dos resultados, ao invés de modelar novas peças para repetição dos testes foi preferível a criação das placas de teste. As placas de teste continham amostras das argilas em estado puro, diluídas apenas em água, bem como misturas entre elas. O objetivo era identificar os tons obtidos nas primeiras peças do experimento intuitivo, explorar a obtenção de novos tons por meio das misturas e identificar qual argila apresentou maior contração, buscando soluções para essa questão. Sendo a primeira placa mostrada na figura 1, abaixo:



Figura 1: placa de teste 01-antes da primeira queima- 2022/1.  
(Fonte: Livea Luzeiro)

Outros testes paralelos foram sendo realizados, sendo muitos deles repetidos a fim de obter uma melhor amostragem dos resultados alcançados, que partem sempre de um teste intuitivo e posteriormente uma averiguação dos resultados concentrando num objeto para servir de amostragem para futuras consultas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

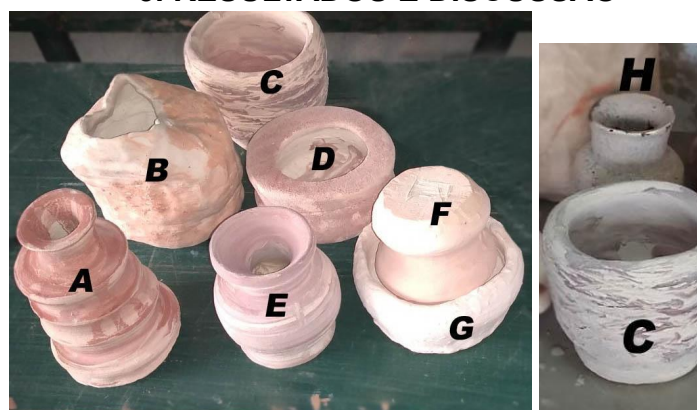


Figura 2: Experimentos iniciais nas peças identificadas por A,B,C,D,E,F,G e H.  
(Fonte: Livea Luzeiro)

O primeiro aspecto a ser observado foram os resultados dos experimentos iniciais, que começaram com a observação da alteração na coloração. Isso se deveu à falta de identificação prévia das peças correspondentes a cada tipo de argila cosmética usada, o que resultou em suposições durante os experimentos

iniciais. Posteriormente, o objetivo foi localizar os primeiros resultados na figura acima.

Outro incidente que influenciou os experimentos subsequentes foi o desprendimento quase completo de uma das argilas após a queima, ocorrendo apenas na peça H. Esta peça já apresentava rachaduras durante o processo de secagem antes de ser colocada no forno. No entanto, não há registros fotográficos da peça antes de ser submetida ao forno.

Essa reação observada na peça H foi identificada como sendo exclusiva da argila verde, sugerindo que os coeficientes de contração entre a massa cerâmica presente na placa/peça e o engobe feito com a argila verde não eram compatíveis, uma busca breve na literatura sobre as composições destas argilas sugere que a diferença da composição é o principal motivo desta diferença de contração, sendo ela amplificada durante a queima. Isso resultou em rachaduras e desprendimento do engobe, tanto na peça quanto na placa. Como é observado na Figura 3, abaixo:



Figura 3: placa após primeira queima-2021  
(Fonte: Livea Luzeiro)

#### 4. CONCLUSÕES

Em conclusão, é possível se observar que o uso da argila cosmética como engobe é algo não só viável, mas como algo que pode ser usado para atingir resultados excelentes, dado que controladas as variáveis envolvidas no processo de secagem e queima, pode se obter um engobe de qualidade, fornecendo flexibilidade e acessibilidade ao artista durante sua elaboração. Características como a objetiva facilidade de acesso a estes tipos de argilas, graças à sua venda em lojas de produtos naturais, composição variada e fina granulação o que auxilia em sua transformação em engobe.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGILA: **para que serve e benefícios** - eCycle. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/argila/>.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FRIGOLA.. **Cerâmica**. Lisboa: Estampa, 2002.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2023.

KINCELER, J. L. As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “Vinho Saber – Arte Relacional em sua forma complexa”. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS**, 17., 2008, Florianópolis-SC. Anais Eletrônicos [...]. Florianópolis: Udesc, 2008. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/162.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: [https://www.academia.edu/37868257/Notas\\_sobre\\_a\\_experi%C3%Aancia\\_e\\_o\\_saber\\_de\\_experi%C3%Aancia](https://www.academia.edu/37868257/Notas_sobre_a_experi%C3%Aancia_e_o_saber_de_experi%C3%Aancia). Acesso em: 3 jun. 2023

TECNOLOGIA, T. **Alta Temperatura**. Disponível em: <https://www.armazemdasartes.com.br/loja/catalogo.php?loja=957985&categoria=11&pg=2>. Acesso em: 13 set. 2023.

KUMARI, N.; MOHAN, C. **Basics of Clay Minerals and Their Characteristic Properties**. Clay and Clay Minerals, 22 dez. 2021.

ZHOU, H.; QIAO, X.; YU, J. **Influences of quartz and muscovite on the formation of mullite from kaolinite**. Applied Clay Science, v. 80-81, p. 176–181, 1 ago. 2013.